

Os reflexos da educação sexista na formação de um andrógino e na compreensão da heterossexualidade dos t-lovers

The reflexes of sexist education in the formation of an androgynous and in the understanding of the heterosexuality of t-lovers

Deisi Noro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
deisinoro@gmail.com

Vágner Peruzzo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
vagnerperuzzo@hotmail.com

Márcia Finimundi Nóbile

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
marciafinimundi@gmail.com

Resumo

O presente trabalho analisa o significado de uma educação sexista numa sociedade que invisibiliza pessoas não-binárias e ignora a orientação sexual dos T-lovers. Como procedimento metodológico optou-se por levantamento e revisão bibliográfica. Os resultados apontam para a necessidade da desconstrução da heteronormatividade associada aos estereótipos culturais de personalidade e comportamento advindos do sexo biológico e que consideram o caráter binário de gênero, trazendo a discussão para o ensino de ciências e conduzindo para a análise crítica da atividade científica associada ao tema, como forma de reverberar o conhecimento, para minimizar o preconceito, a evasão e a exclusão escolar e social.

Palavras chave: Sexismo, Heteronormatividade, Não-binários, T-lovers.

Abstract

The present work analyzes the meaning of a sexist education in a society that makes non-binary people invisible and ignores the sexual orientation of T-lovers. As a methodological procedure, a case study and bibliographic review were chosen. The results point to the need to deconstruct the heteronormativity associated with cultural stereotypes of personality and behavior arising from biological sex and that consider the binary character of gender, bringing the discussion to science teaching and leading to a critical analysis of the scientific activity associated with theme, as a way of reverberating knowledge, to minimize prejudice, dropout and school and social exclusion.

Key words: Sexism, Heteronormativity, Non-binary, T-lovers.

A Educação em Ciências na desconstrução do sexismo na escola

Atividades físicas distintas, filas independentes, uniformes diferenciados e demais aspectos estanques de meninos e meninas denotam a correlação imediata entre o sexo biológico e gênero, enquanto papel social. O fato de, ainda durante a gestação saber se é menino ou menina, traz uma sustentação impregnada do paradigma formado pela cor rosa ou azul, pela escolha do nome e demais sustentáculos do determinismo biológico.

A conduta sexista resulta na generalização de características estereotipadas e, ainda que involuntariamente, na expressão de gênero binarizada. Os estereótipos de gênero impingidos pela sociedade recaem sobre os/as estudantes imputando-lhes características de como falar, andar, vestir, se portar, se posicionar, com quem se relacionar, quais profissões e objetos escolher, assuntos para falar e outras categorizações esperadas para a ótica binária (feminino ou masculino).

A formação do/a docente, como membro/a ativo dessa sociedade, funciona como repetidora do estabelecido culturalmente e compõe a instituição escolar que apoia e tonifica as relações hierárquicas de poder sustentadas pela heteronormatividade, conhecida como a expressão que define a exigência social de que o comportamento padronizado seja o heterossexual, traz arraigadas todas as normas pré-estabelecidas que dizem respeito a não-heterossexualidade. Segundo Bento (2008, p. 51), “por heteronormatividade entende-se a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora de seus marcos”.

A escassez de educação sexual nas escolas reforça e é reforçada pela conformação social sexista, encobre a distinção didática, conceitual e prática do sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero e intensifica os consequentes reflexos como o desrespeito à diversidade sexual e de gênero. Dificultam, na maioria das vezes, o reconhecimento da própria sexualidade e sua expressão, banalizam a violência doméstica por parte da figura masculina, assédio, violência sexual e demais reverberações depredatórias do desenvolvimento saudável e seguro de uma criança/adolescente.

É preciso ter a coragem para tornar a Escola e a Universidade, locais de crítica latente e de permanente resistência, buscando, através de uma Educação Sexual sistemática, a superação dos estereótipos e de todas as formas de preconceito. (FURLANI, 2009, p.181-182).

A persistência de práticas excludentes aos não-heterossexuais, assim como o desconhecimento no ambiente educacional trazem à baila a leitura da realidade que se efetiva nos números da evasão e da exclusão escolar/acadêmica, impedindo a segunda grande oportunidade de uma pessoa se reconhecer na constituição organizadora da sua sexualidade. O reconhecimento da população LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais) na estruturação de gênero e sexualidade permite compreender que as três primeiras letras da sigla (LGB) abarcam a orientação sexual, a quarta (T) traz a identidade de gênero e a última (I) remete a sexo biológico.

Dessa forma, o presente estudo analisa o significado de uma educação sexista numa sociedade que invisibiliza pessoas não-binárias e ignora a orientação sexual dos T-lovers. Apresenta características de uma pesquisa qualitativa, efetivada através de levantamento e revisão bibliográfica. A natureza é aplicada, uma vez que visa gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, ao tempo em que “envolve verdades e

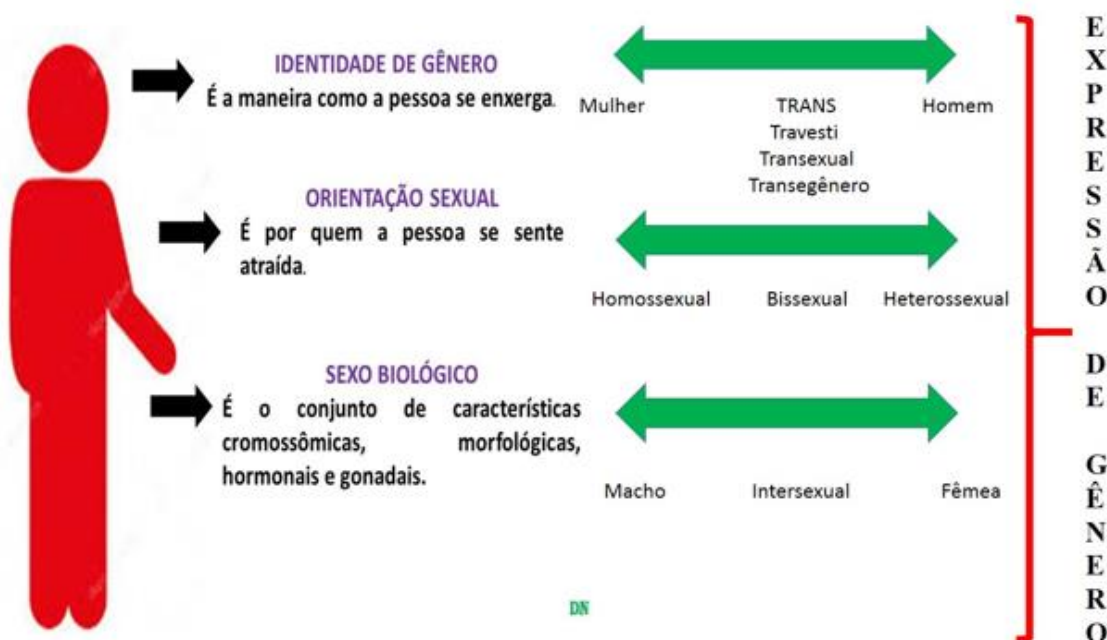
interesses locais”, conforme GERHARDT E SILVEIRA (2009). A escolha de levantamento como procedimento metodológico para a compreensão de um andrógino, ocorreu pelo entendimento de que, “quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”, segundo GIL (1999). As questões foram respondidas por escrito, visando ponderar o autoentendimento da pessoa voluntária. A análise das respostas propiciou a busca da revisão bibliográfica para fundamentar a temática da expressão de gênero andrógina, bem como da orientação sexual dos T-lovers e foi baseada em autores como Amaral (2017), Bento (2008), Delizoicov, Angotti, Pernambuco (2011) e Furlani (2009).

A compreensão de um Andrógino: o olhar sexista da escola

A possibilidade de oferecer formações na temática gênero e sexualidade proporcionou, além da estruturação da tese de doutorado de uma das autoras do presente artigo, o contato próximo com inúmeras pessoas que manifestaram dificuldade no entendimento da composição da sexualidade e da expressão de gênero.

Ao conhecer “Pedro” (nome fictício para preservar a sua identidade), no salão de beleza onde ele começou a trabalhar, a simpatia e empatia foram recíprocas desde a apresentação de uma amiga em comum que esclareceu, de antemão, a possível afinidade entre a temática da pesquisadora e a curiosidade dele. O diálogo fluiu junto com um convite para a próxima palestra de uma das autoras. Meses depois, a participação de “Pedro” na palestra deixou as alunas do curso de Pedagogia encantadas, enriqueceu e estendeu as discussões, em especial no entendimento dos conceitos estruturados no modelo disposto, na Figura 1:

Figura 1: Pilares didáticos para a compreensão da estruturação em gênero e sexualidade



Fonte: Figura elaborada pelas autoras, 2020.

O convite da pesquisadora para escrever sobre a importância da vivência de “Pedro” ocorreu ainda durante a escrita da sua tese, porém, o momento oportuno foi depois de dois anos, a partir da urgência, cada vez maior, em minimizar as dificuldades provocadas pela falta de informação e os efeitos psicológicos dessa lacuna.

As perguntas foram enviadas pela autora e respondidas por “Pedro” pelo “WhatsApp” e estão descritas na Tabela 1:

Tabela 1: Perguntas elaboradas pela pesquisadora e as respostas de “Pedro”

Perguntas das autoras	Respostas de “Pedro”
Idade	<i>24 anos</i>
Profissão	<i>Cabelereiro</i>
Sexo biológico	<i>XY - masculino</i>
Orientação sexual	<i>Homossexual</i>
Identidade de gênero	<i>Cisgênero</i>
Expressão de gênero	<i>Andrógino</i>
Grau de escolarização	<i>Ensino Médio incompleto (parei no 2º ano)</i>
Dúvidas, ansiedade e medos	<i>Preconceito, homofobia, bullying ... de colegas próximos ...</i>
Por que parou de estudar	<i>Muita ausência de informações sobre o corpo humano Se auto-conhecer e se proteger Educação sexual.</i>
Como era a vida na educação infantil	<i>Sempre me relacionei melhor no círculo de amigas " meninas " me sentia confortável e aceito. Aos meninos tinha poucos colegas devido ao medo de sofrer preconceito.</i>
Onde cursou?	<i>Colégio Margit Kliemann na cidade de Gramado Xavier (Perto de Santa Cruz do Sul)</i>
Como era o relacionamento com os colegas?	<i>Quanto mais o tempo passava no ensino fundamental mais chances de se descobrir e se aceitar...aos poucos minhas características vinham se revelando e nisso eu já não ligava tanto ao preconceito vindo dos colegas. Já no ensino médio aos 16 anos eu já me encontrava, aliviou um fardo em minha cabeça, não precisava esconder mais minha identidade tanto em casa quanto fora. Tudo ficou mais fácil fora do armário e até mesmo aceitar os amigos LGBT que me estendiam a mão...</i>
Como e quando você se entendeu na expressão de gênero, identidade de gênero e orientação sexual?	<i>Eu me identifico com meu gênero Masculino Cis, sou homossexual... me sinto bem caracterizado como andrógino, vestindo roupas de ambos sexo. Eu sempre percebi por mim mesmo, achava os meninos bonitos, me sentia atraído por eles...tentei tirar isso da minha cabeça, "esconder" negando evidências interessantes...pensando que isso não era certo.</i>

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2020.

A autocompreensão de “Pedro”, enquanto sexo biológico macho e orientação sexual homossexual, já chegou com ele no dia da palestra, porém, o entendimento da totalidade da composição da identidade de gênero, distintamente configurada da sua expressão de gênero, veio com os esclarecimentos da Figura 1. “Pedro” deixa clara a sua vontade de vestir-se ora como menino, ora como menina.

A expressão de gênero Andrógina, de acordo com os estudos de gênero, é a que mescla o feminino e o masculino. A pessoa que encontra ancoragem nessa expressão de gênero transita sem a necessidade do binarismo de gênero (masculino ou feminino). A expressão ou performance de gênero não precisa necessariamente estar alinhada à identidade de gênero, isto é, pode ser uma pessoa cisgênera (identidade de gênero alinhada ao sexo biológico) e ter uma expressão de outro gênero ou ser não-binária.

A categorização pode ser útil em momentos de afirmação e de garantia de direitos, como as mulheres transexuais nos presídios ou na garantia da cirurgia de redesignação pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A identidade de gênero encontra-se refletida no sentir e a expressão de gênero no expressar-se. Quem define isso é a própria pessoa.

Desde 2016, Nova Iorque reconhece 31 gêneros diferentes. A revista National Geographic – Brasil, de janeiro de 2017, trouxe na capa “A Revolução do Gênero – Novas identidades e comportamentos mudam a cara dos jovens do século XXI”, apresentando quinze indivíduos que representam um vasto espectro de expressões de gênero, todas expostas com as palavras deles mesmos, conforme Figura 2:

Figura 2: Quinze representantes de diferentes expressões de gênero



Fonte: Revista National Geographic – Brasil – Jan/2017.

O sofrimento gerado em uma pessoa ao sentir negada a composição estrutural da sua sexualidade e expressão de gênero favorece ao sentimento de culpa e vergonha de algo inerente à sua vontade. O fato de crescer sem se conhecer, entendendo-se e sentindo-se como “anormal” não colabora em nada para a disponibilidade intelectual necessária às aprendizagens cognitivas e socioafetivas do ambiente escolar.

Reconhecer o aluno como foco da aprendizagem significa considerar que os professores têm um papel importante no auxílio em seu processo de aprendizagem, mas, sobretudo, perceber que, para de fato poderem exercer esse papel, é preciso pensar sobre quem é esse aluno (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011, p. 125).

A desistência da escola vivenciada por “Pedro” antes de concluir a Educação Básica nos faz pensar que a evasão/exclusão escolar, muitas vezes provocada pela não aceitação e a consequente falta de acolhimento na escola, precisa atingir índices irrisórios. A escola é um espaço de extrema relevância para que se aprenda a respeitar, compreender e elucidar dúvidas, precisa minimizar o escape de estudantes por puro e fulminante preconceito.

A compreensão da heterossexualidade dos T-lovers

Muitas dúvidas que envolvem o autoconhecimento figuram sobre gênero e sexualidade. Entender os conceitos e reconhecer a diversidade sexual e de gênero passa também por dedicar tempo em se desfazer dos preconceitos arraigados. Alguns meios insuflam a opinião pública, favorecem ao desconhecimento da temática e geram “pânico”, como sentimento exagerado que emerge a partir do medo social de mudanças.

É de se esperar, portanto, que os efeitos de liberação a respeito desse poder repressivo demorem a se manifestar; o fato de falar-se do sexo livremente e aceitá-lo em sua realidade é tão estranho à linguagem direta de toda uma história, hoje milenar e, além disso, é tão hostil aos mecanismos intrínsecos do poder, que isto não pode senão marcar passo por muito tempo antes de realizar a contento a sua tarefa (FOUCAULT, 1999, p. 15).

A forma de explicar, na infância, sobre gênero, já repercute e interfere em todo o desenvolvimento da sexualidade humana. Saber que um menino, ao brincar com “brinquedos de menina”, não se “torna homossexual”, passa pela compreensão de que a orientação sexual e a identidade de gênero nascem com a pessoa, exatamente como o sexo biológico.

O maior gargalo do entendimento da sexualidade para quem ainda não reconhece a homossexualidade como uma orientação sexual menos comum, talvez seja a compreensão dos T-lovers (machos – sexo biológico que sentem atração por mulheres travestis ou transexuais – identidade de gênero/expressão de gênero).

Equivalente a T-lover no Brasil, o termo T-fãs é usado em Portugal para indicar adoradores, admiradores, apreciadores de mulheres trans, travestis e transgênero. Conheci o termo ao participar de eventos sobre pessoas trans durante período de doutorado (AMARAL, 2017, p. 29).

Um T-lover é heterossexual, tendo em vista o fato de que, se fosse homossexual sentiria atração por homens. A atração/orientação sexual se dá pela identidade e expressão feminina de gênero da outra pessoa, como é a de uma travesti. O T-lover pode viver um relacionamento estável com uma mulher cisgênera (sexo biológico e identidade de gênero = mulher) mas, devido ao medo da reação, vergonha ou falta de coragem, não divide seus interesses e fantasias com ela e passa a contratar travestis, pela disponibilidade e sigilo profissional embarcados.

Invariavelmente, os T-lovers ficam na omissão dos sentimentos e desejos que, por vezes desencadeiam depressões, síndromes do pânico ou outras manifestações que a fragilidade em assumir a situação denota. O autoentendimento do T-lover em sentir atração física por um “homem (sexo biológico)” gera uma desordem interna que passa, equivocadamente, por se compreender homossexual, transita pela necessidade do disfarce, pouca na negação e, algumas vezes, gera violência física e assassinatos contra as travestis.

Considerações Finais

O entendimento e o respeito ao gênero e à sexualidade humanos necessitam posicionamentos governamentais, sociais e pessoais que garantam o conhecimento. Conhecer, reconhecer, aceitar e acolher todas as pessoas constituem um fio inextricável com o respeito ao vestir, à atração sexual e afetiva, a como apreciam ser chamadas, como se expressam ou se autodenominam. Ser respeitado na convivência social conforme seu próprio entendimento é um direito inalienável.

Este estudo repensa pontos nevrálgicos da sexualidade normativa. Pautado na importância de olhar para a não-binaridade de gênero, revela a dificuldade de “Pedro”, bem como, certamente, de muitas outras pessoas que, desde os primeiros anos de vida não se entendem formatados no “rosa ou azul”, “boneca ou carrinho”, fila de “meninas ou meninos”, dentre outros propósitos da estruturação polarizada no ambiente escolar e social, como um todo.

“Pedro” traz o sofrimento proveniente da falta de informação e a não aceitação, tanto de casa quanto da escola, da sua organização pessoal. Ele revela a orientação sexual homossexual, ao entender-se sexo biológico macho e sentir atração por homens. Dentre suas respostas, chama a atenção o pesar com que constata: *“tentei tirar isso da minha cabeça, ‘esconder’ negando evidências interessantes ... pensando que isso não era certo”*.

A escola cumpre com seu papel na medida direta em que proporciona um ambiente acolhedor. “Pedro” encontrou acolhimento nos amigos e colegas também distantes do padrão heteronormativo. Entender a escola enquanto instrumento propulsor de conhecimento e sustentáculo para minimizar o preconceito passa pela formação docente, quer seja inicial ou continuada, em especial, através da educação em ciências:

Como bem mostram estudos e pesquisas recentes na área, os professores são profissionais essenciais nos processos de mudança das sociedades. Se forem deixados à margem, as decisões pedagógicas e curriculares alheias, por mais interessantes que possam parecer, não se efetivam, não geram efeitos sobre a sociedade. Por isso é preciso investir na formação e no desenvolvimento profissional dos professores (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2011, p. 11-12).

O sentimento de “Pedro”, quando complementou: *“Já no ensino médio aos 16 anos eu já me encontrava, aliviou um fardo em minha cabeça, não precisava esconder mais minha identidade tanto em casa quanto fora*, nos faz pensar o quanto as discussões que versam sobre conceitos e controvérsias em gênero e sexualidade e, sobretudo, em direitos humanos e ciência em torno da orientação sexual e da identidade de gênero são fundamentais no ambiente escolar. A sensação de aprisionamento, antes da autocompreensão é demonstrada na frase: *“Tudo ficou mais fácil fora do armário e até mesmo aceitar os amigos LGBT que me estendiam a mão”*.

As interpretações biológicas das diferenças entre gêneros, estereotipadas pela sociedade, embasam o pensamento reducionista e determinista que engessa o avanço da informação. Conhecer e discutir esses temas favorece aos pais aceitarem seus/uas filhos/as não-heterossexuais e/ou não-cisgêneros/as, o que impede as discordâncias, revoltas, rebeldias que conduzem os/as filhos /as para o mundo das ruas, com drogas, violência física e psicológica, inclusive para quem estabelece qualquer tipo de relacionamento com eles/as.

A oposição binária de homens e mulheres quando reforçada pela interligação com os conceitos de dimorfismo sexual e determinismo biológico implica entender que os cérebros, feminino e masculino, desencadeiam a produção de hormônios e contribuem para algumas condutas de forma diferente um do outro (dimorfismo sexual), mas, nem por isso, podem receber um padrão social determinado (determinismo biológico), obrigatoriamente associados a modelos rígidos e patologizadores de quem é diferente do imposto como “normal”.

A histeria desencadeada pela incongruência de gênero gera uma zona de tensão, muitas vezes em condições precárias de trabalho, intensificam a vulnerabilidade das travestis e conseqüentemente dos T-lovers, embrenhados em guetos obscuros. Criticar o formato estanque do modelo feminino e masculino, que a anatomia e a fisiologia humana trazem, favorece ao reconhecimento de outros espectros da sexualidade e das performances de gênero,

desconstruindo todo o aparato das pessoas que funcionam como sustentáculo da organização clandestina que cerca e envolve as travestis.

A aposta na escrita desse trabalho possibilitou transitar pelos patamares mais profundos da incompreensão, subjugação, depreciação e desentendimento da sexualidade humana. Debruçar-se sobre esses temas na formação docente pode proporcionar alívio e acolhimento aos não-binários, aos T-lovers e, conseqüentemente, a todo o entorno deles, minimizando sofrimentos, dores e carências que podem resultar em exclusões, violências, violações, drogadições, suicídios e assassinatos.

Compreender a diversidade sexual e de gênero permite enxergar o que está contido nas expressões não-heterossexual e não cisgênero/a, permitindo segurança, acolhimento, suporte médico, psicológico, legal e demais direitos humanos que precisam ser garantidos à população LGBTI. Posteriormente, ao atingirmos a compreensão social da fluidez de gênero, poderemos evitar os julgamentos, a necessidade do grito e da punição para que o respeito seja assegurado desde o núcleo familiar, estendido à escola e a toda a sociedade.

Referências

AMARAL, Marília dos Santos. **Te desafio a me amar:** desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 188, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/129460561.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008 (Primeiros Passos, n. 328).

DELIZOICOV Demétrio, ANGOTTI José André, PERNAMBUCO Marta Maria. **Ensino de Ciências:** fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 4ª Ed. 2011.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I – A vontade de saber.** 13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Método de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.